



Foi nos bailes da vida Memória e sociabilidade nos salões de dança da cidade de Belo Horizonte¹

Thalita DAHER²
Núbia ROBERTO³
Paulo SEABRA
Renata NAGLI
Thiago ANDRADE
Juniele ALMEIDA⁴

Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG.

RESUMO

O presente *paper* refere-se à produção do livro-reportagem “Foi nos bailes da vida: memória e sociabilidade nos salões de dança da cidade de Belo Horizonte”. Em cinco capítulos, o livro aborda: possíveis inter-relações entre *jornalismo e história oral*; reflexões sobre *espaços de sociabilidade* por meio de minuciosa análise das entrevistas realizadas; histórico das principais casas de dança de Belo Horizonte; observações sobre o “valor da dança” a partir das narrativas de antigos frequentadores dos principais salões da capital mineira - identificações coletivas construídas em um espaço de sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; história oral; sociabilidade; memória; casas de dança.

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem “Foi nos bailes da vida” investiga trajetórias e experiências sociabilizantes em salões de dança da cidade de Belo Horizonte, a partir das possíveis inter-relações entre *jornalismo e história oral*⁵. A pesquisa partiu do interesse em explorar territórios interdisciplinares em um projeto experimental que possibilitasse, para além do entretenimento, problematizar as noções de *memória*⁶ e *sociabilidade*⁷.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-Reportagem.

² Aluno líder do grupo e graduada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: thalitadaher.jornalista@gmail.com.

³ Alunos do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, emails: nubiaroberto@ig.com.br, paulofernandoseabra@gmail.com, renata.nagli@gmail.com, tandrademartins@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: junielerabelo@gmail.com.

⁵ Inter-relações entre *jornalismo e história oral*, ver: Thompson (1992); Meihy (1996); Alberti (1997).

⁶ Debate teórico-conceitual sobre *memória*: Halbwachs (1992), Le Goff (2003) e Pollack (1989).

⁷ Apontamentos sobre *sociabilidade*: Certau (1994), Maffesoli (1984), Maia (2002) e Simmel (1983).



Os processos de sociabilidade em casas de dança revelam uma série de esquemas de conhecimento, comportamentos verbais e não-verbais historicamente construídos. Thompson (1998) afirma que nas relações íntimas entre os indivíduos há um fluxo de ações e expressões, perdas e ganhos, de direitos e obrigações que correm nos dois sentidos. Nas casas de dança, verificam-se regras sociais definidas. A partir da *história oral*, foram realizadas instigantes entrevistas com frequentadores das casas noturnas de dança da capital mineira, evidenciando *memórias* e *histórias* de forma dinâmica. Em uma ampla pesquisa de campo, foi possível registrar múltiplas narrativas que apontam subjetividades e identificações coletivas.

O livro-reportagem é composto por cinco capítulos. O primeiro apresenta discussões teórico-metodológicas sobre *história oral* e sua contribuição para o fazer jornalístico. O capítulo dois aborda as reflexões sobre *espaços de sociabilidade* a partir de uma minuciosa análise das entrevistas realizadas. O capítulo três apresenta o histórico das principais casas noturnas de Belo Horizonte, nomeadas por nossos entrevistados. Além de exibir a história de dois espaços de socialização que marcaram as noites da capital mineira - Elite e Estrela. O capítulo quatro trata dos papéis representados por homens e mulheres em meio às interações dançantes nas noites belo-horizontinas, observando o “valor da dança”. Por fim, o quinto capítulo apresenta as narrativas dos entrevistados, com notas do caderno de campo.

2 OBJETIVO

O objetivo principal do livro-reportagem é investigar as experiências sociabilizantes em salões de dança da cidade de Belo Horizonte, considerando as possíveis inter-relações entre *jornalismo e história oral*. Busca-se problematizar as noções de *memória* e *sociabilidade*, em um projeto experimental que explorara territórios interdisciplinares.

3 JUSTIFICATIVA

O livro-reportagem justifica-se pela ausência de estudos sobre as relações de *sociabilidade*, bem como sobre as *memórias* referentes às múltiplas experiências em salões de dança da cidade de Belo Horizonte. A sociabilidade consiste na interação, ou seja, comunicação entre os indivíduos e, conseqüentemente, na construção da identidade de um

determinado grupo. No caso da dança de salão, há a utilização de elementos únicos que permeiam a comunicação entre os participantes e que serão demonstrados no livro-reportagem, como o uso de uma linguagem própria, gestos, trajes, e regras sociais específicas. Por meio das entrevistas de *história oral de vida*, os frequentadores das casas noturnas belo-horizontinas apontaram o processo de construção dessas comunidades afetivas⁸.

Na cidade de Belo Horizonte algumas casas noturnas, desde a década de 1970, oferecem a dança de salão como entretenimento: Nova Camponeza (bairro Funcionários); Clube Fantasy (bairro Salgado Filho); Engenho de Minas (bairro Santa Efigênia); Clube Orion (bairro Padre Eustáquio); Oásis Clube (bairro Floresta). Estes locais, entendidos como *espaços de sociabilidade*, contam com variados ritmos e adeptos. As casas noturnas de dança aproximam gerações em um ambiente comum.

A escolha por esse produto jornalístico procura aprofundar a proposta da cobertura jornalística, não se limitando a transmitir informações ou noticiar alguma pauta factual: “o livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística que desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e idéias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2004, p.01). O livro-reportagem diferencia-se dos demais livros que abordam a dança de salão por se tratar de um estudo sobre a *sociabilidade* por meio dos procedimentos da *história oral*.

De acordo com Maffesoli (1984), inspirado por Simmel (1983), a *sociabilidade* liga os sujeitos a partir do sentimento de proximidade na vida cotidiana — experiência coletiva e relações intersubjetivas. As interações atendem anseios íntimos que são realizados em grupos de pessoas que compartilham interesses e necessidades semelhantes. Desse modo, as afinidades contribuem para a construção de *sociabilidades*: “as pessoas se relacionam entre si, de modo a gerar maior interação entre elas e, conseqüentemente, contribuirão umas com as outras, para uma vida harmônica e até a resolução ou felizmente a não propagação de problemas pessoais” (D’INCÃO, 1994, p. 25).

Os sujeitos procuram diferentes maneiras de interação e de adaptação ao ambiente onde vivem. Por meio da *sociabilidade*, essa interação pode manifestar-se por troca de gestos, palavras, olhares, trajes e cores. Segundo Maia (2002), a *sociabilidade* pode ser classificada como parte da interação social:

⁸ Ver: Bauman (2003).

Sociabilidade é uma forma pura, forma espontânea de interação, livre de qualquer interdependência entre os indivíduos. Sociabilidade é a forma de interação social que não possui um fim definitivo, nem conteúdo e nem resultado fora dela mesma. Os indivíduos, por sua vez, são atores socializados, assimetricamente inseridos nas estruturas sociais. (...) Como um jogo social, a sociedade pode tomar muitas formas, desde as mais universais, presentes no instrumento mais abrangente da vida comum da humanidade - a conversação - até as mais específicas, tal como o jogo da sedução (MAIA, 2002, p. 5-6).

O processo de sociabilidade define “espaços”, lugares sociais. Neste sentido, é possível perceber — em casas noturnas de dança — tais processos de sociabilização. A *sociabilidade* representa “estar um com o outro, para o outro, contra o outro que, através dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais” (SIMMEL, 1983, p.169). O espaço estimula a *sociabilidade*: as narrativas dos frequentadores das casas de dança belo-horizontinas indicam que, a noite dançante, a alegria festiva, o som, a intimidade com o ambiente, o sentimento de proteção e acolhimento propiciam a emergência de identificações coletivas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 História oral e jornalismo: memórias construídas

Optamos pela *história oral*, como metodologia de pesquisa, por reconhecer as influências do tempo na construção de lembranças e esquecimentos. A história oral é uma história viva, realizada por meio de entrevistas que acabam por registrar as preocupações de, no mínimo, dois sujeitos diferentes. A história oral destaca as visões dos atores sociais, permitindo desenvolver e fundamentar análises históricas a partir da constituição de fontes e arquivos orais.

A memória, segundo Pollack (1989), é marcada pelo tempo presente em sua dinâmica social, revelando lembranças e esquecimentos em múltiplas dimensões. A história oral busca, assim, registrar a memória viva, construindo uma imagem abrangente e dinâmica do vivido a partir de um processo de pesquisa. A entrevista em história oral, como afirmam Ferreira e Amado (1996), representa o diálogo entre entrevistado e entrevistador, que acaba por registrar as preocupações de, no mínimo, dois sujeitos diferentes. O oralista⁹

⁹ Pessoa que pratica história oral assumindo-a como mais do que simplesmente entrevista. Ver: Meihy (1996).

deve, assim, transformar a entrevista em um texto trabalhado, evidenciando a interferência clara e dirigida do autor. Para a história oral, assim como no jornalismo, a entrevista é fundamental:

A entrevista também é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista. Por menor que seja a nota, ela foi captada por uma entrevista (ROUCHOU, 2000, p. 182).

Entretanto, existem diferenças entre as duas áreas de estudo: enquanto o jornalismo está atrelado com as contingências da presentificação, na história oral procura-se dimensionar o tempo - relação passado/presente. De acordo com Maciel (2007), o jornalismo tem como foco a atualidade, e a entrevista aparece, muitas vezes, como fonte imediata para uma matéria a ser redigida. Permitem-se assim, entrevistas pelo telefone ou e-mail. Já o oralista deverá partir para uma entrevista após a elaboração de um projeto acadêmico. O contato face a face é fundamental para o estabelecimento da mediação por parte do oralista. Em história oral a entrevista não pode ser tomada em fragmentos. Deve-se realizar a transcrição ou transcrição, transformando o oral em escrito para a constituição de acervos documentais.

Nas redações, na maioria dos casos, não é possível aplicar a história oral, pois o tempo é curto e o *dead line* não possibilita que o jornalista escreva, minuciosamente, tudo o que apurou. Essa é uma relevante diferença entre o jornalista e o oralista — que possui o “tempo acadêmico” para organizar acervos e empreender análises a partir da documentação produzida.

A história oral tem a *memória* como matéria-prima: as memórias individuais inter-relacionam-se com as memórias coletivas. Cada entrevistado tem suas memórias particulares e mesmo fazendo parte de um grupo social específico, cada indivíduo tem suas próprias experiências e seu modo de narrá-las:

Para a história oral, portanto, o referente não pode ser o “acontecido”, o “passado”, pois ele não pode ser capturado a não ser no momento imediato. O que se tem acesso no momento da entrevista é o trabalho do narrador de converter “memória em narrativa”. Posterior a isso o trabalho do pesquisador dessa área é passar do oral para o escrito, aprisionando, concretizando, formalizando por meio da elaboração de um texto, um momento que era volátil, passageiro e disforme. Assim, pode-se pensar que no momento de uma entrevista o indivíduo fala sobre o acontecido, criando um novo referente que como texto pode ser analisado (RIBEIRO, 2007, p. 151).



Uma lembrança pode ser considerada uma reconstrução de passagens da vida e sentimentos que já foram vivenciados a partir de novos olhares, uma vez que, as experiências foram vividas no passado e reconstruídas pela memória no tempo presente, a partir de novos valores e conceitos. Na maior parte às vezes, lembrar não é reviver “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Ao estabelecer relações entre memória individual e memória coletiva - tratadas em vasta produção acadêmica: Halbwachs, (1968); Pollak, (1989); Le Goff, (1996) — observam-se os embates sobre a construção de identidades e lugares sociais. As expressões de subjetividade nas narrativas em primeira pessoa coincidem com uma multiplicidade de construções coletivas. Para Pollack (1989), selecionar o que lembrar e o que esquecer revela confrontos: a construção da memória ocorre a partir das preocupações do presente. Nesse sentido, a pesquisa tem objetivo de indicar construções e ressignificações das memórias, por meio de elaborações narrativas dos entrevistados, que incorreram em identificações coletivas a partir da *sociabilidade* nas casas noturnas de dança da cidade de Belo Horizonte.

Nos bailes da vida entrevistamos: Clara Roque, Hércio Pereira Evilásio, Heraldo de Oliveira Caldeira, Juracy da Silva Ferrari, Leonardo Wanceslau, Neide Ricci Mendes, Nilson Carlos e Ruth Castelar Miranda. Os “espaços narrados”, locais que os nossos colaboradores freqüentam, representaram o principal estímulo para emergência das memórias e histórias. Uma questão nos instigava: qual o significado de “sair para dançar” na noite belorizontina? A dança, o corpo a corpo, a troca entre os atores sociais: observamos, nas relações entre os indivíduos, a existência de um fluxo de ações e expressões, perdas e ganhos, de direitos e obrigações para além da questão de gênero entre os pares de dança.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nosso livro-reportagem tem 124 páginas, divididas em cinco capítulos. Nosso produto contém fotos tiradas nas casas noturnas investigadas. O formato do nosso produto é de 14 cm x 21 cm. O papel utilizado para capa foi o Supremo 250g, com impressão colorida, e o interior do livro tipo P&B Sulfite 75g.



6 CONSIDERAÇÕES

Temos convicção de que o assunto não foi esgotado, e que muitas indagações surgirão e poderão ser o início de um novo processo de pesquisa. Assim como “nos bailes da vida”, encerra-se aqui apenas uma “noite”, ou melhor, várias “noites”. “*Foi nos bailes da vida*” marca, por meio do esforço investigativo da equipe de trabalho, instigantes reflexões sobre as *memórias* e *histórias* de frequentadores das casas noturnas de dança da cidade de Belo Horizonte - *espaços de sociabilidade*.

As discussões sobre os *espaços de sociabilidade*, realizadas a partir da *história oral de vida* indicam, neste livro, múltiplas questões sobre *identidades* e de *memórias coletivas*. Por ser a história oral uma história viva, dinâmica, ela permite ao entrevistado selecionar o que dizer, o que não dizer e o que enfatizar. São lembranças, esquecimentos e silenciamentos. Nós, como entrevistadores, estivemos atentos às memórias narradas, aos gestos, às expressões, lágrimas, risadas e aos silêncios. Tais experiências de pesquisa facultam ao jornalista o exercício de sensibilidade, a partir de procedimentos adequados à observação de histórias de vida.

Para além da incessante pesquisa e do compromisso que esse livro nos exigiu, aprender a ouvir foi, certamente, a tarefa mais difícil. Ouvir sem interromper, sem fazer juízo de valores, sem se preocupar com o direcionamento das respostas. O mesmo fascínio que foi provocado pelos relatos que ouvimos é o que a arte de aprender a ouvir provoca. Por mais árduo que tenha sido esse aprendizado, estamos certos que ele permeará toda a nossa trajetória profissional.

Este livro-reportagem, por meio das narrativas selecionadas, evidenciou “histórias de vidas ligadas à dança”. Os relatos tocaram sensivelmente em aspectos da *história cotidiana*, apontando questões multiformes e dinâmicas da vida corriqueira entrecruzadas às experiências sociabilizantes dos colaboradores nas casas noturnas de dança.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, Florianópolis: Paralelo 27 - CPGD, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.

FERRARI, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERRARI, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 1992.

D'INCÃO, Maria Ângela. “Modos de ser e de viver: a sociabilidade”. **Tempo Social**. São Paulo, Editora Guanabara, v. 4, n. 1-2, p. 95-109, 1994.

DREAMER, Oriah Mountain. **A dança: acompanhando o ritmo do verdadeiro eu**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Editora Manole, 2004.

MACIEL, Suely. “História oral e as fronteiras com o jornalismo: A possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer”. **Revista Jornalismo Brasileiro**. São Paulo, ano V, n. 8, p. 5-20, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. RJ: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. Mesa, espaço de comunicação. In: DIAS, Célia M. de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 1997.

MAIA, Rousiley C. M. **Sociabilidade: apenas um conceito?** Belo Horizonte: Editora Geraes, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MARTIN-LAGARDETTE, Jean-Luc. **O guia da escrita jornalística**. Lisboa, Pergaminho, 1998.

PAOLIELLO, Miriam Saraiva. **Dança e movimento: Uma possível saída**. Belo Horizonte, 2003. (Monografia defendida pelo Centro Universitário Newton Paiva)



POLLACK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. “Visões e Perspectivas: documento em História oral”. **Revista Oralidades**. São Paulo, v.2, n. 2, p.151-161, 2007.

ROUCHOU, Joëlle. “História oral: entrevista–reportagem x entrevista-história”. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. XXIII, p. 5-20, 2000.

ROUCHOU, Joëlle. **Ouvir o outro**. INTERCOM - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 20003.

SIMMEL, George. Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes, E. (Org.), **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMSON, Olga de Moraes (Org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992